



Cinema, a Arte das Possibilidades: Emancipação e Manipulação¹

Fernanda Amaral MEIRA²
Universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte

RESUMO

O objetivo desse trabalho é analisar a importância do cinema através do debate entre dois pontos pertencentes a esse ramo da comunicação: a emancipação crítica que o mesmo promove, assim como a manipulação. Essa discussão central é desenvolvida ao longo do texto a partir do exame da história do cinema e seus principais momentos, como a ascensão do estudo da imagem, a criação da linguagem cinematográfica e o surgimento dos grandes estúdios de Hollywood. O que se pretende provar com essa leitura é a força que o cinema pode exercer na construção do homem, estimular o seu uso e disseminação seria fundamental para o processo crítico-social, porém, é preciso atentar para quem o produz, caso contrário, ele se torna uma arma ideológica cruel.

PALAVRAS-CHAVE: cinema; arte; emancipação; segmentos.

Introdução

Um dos maiores desafios da contemporaneidade é formar indivíduos emancipados, seja na forma de pensar, ou de agir. Refletir a respeito de tal realidade é de suma importância nos dias atuais, atestamos esse fato com o surgimento de inúmeros trabalhos e livros que discorrem sobre os possíveis caminhos que levam a emancipação. Nesse aspecto, a arte e seus demais afluentes, contribuem para a formação dessa libertação crítica, pois antes de tudo, ela é um objeto que toca a política³.

Tomando como referência o teatro e as ideias trazidas por Jacques Rancière, o dissenso é algo central na discussão que leva a emancipação, e é exatamente nesse ponto que a arte se assemelha a política, pois, ambas propõem uma transformação radical nas formas de enxergar e interpretar o mundo a partir dessa divergência. Na obra *O espectador emancipado* de Rancière essa ideia é reforçada:

Enquanto a política propriamente dita consiste na produção de sujeitos que dão voz aos anônimos, a política própria à arte no regime estético consiste na elaboração do mundo sensível do anônimo, dos modos de *isso* e do *eu*, do qual emergem os mundos próprios do *nós* político. (RANCIÈRE, 2012, p. 65).

¹ Trabalho apresentado no IJ 04 – Comunicação Audiovisual do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado em João Pessoa nos dias 15 a 17 de maio de 2014.

² Graduada em História pela Universidade de Pernambuco, email: fernandaa.amaral@hotmail.com

³ Sobre a política, Jacques Rancière no seu livro *O espectador emancipado*, afirma que ela serve “para mostrar o que não se via, ou fazer ouvir como palavra a discutir o comum aquilo que era ouvido apenas como ruído dos corpos.”.



Colocando nesse momento o teatro como exemplo, encontramos uma das suas principais funções, a de conscientização social, função essa que é acompanhada por quase todos os ramos da arte. A conscientização é a ocasião oportuna para que a transformação ocorra, essa clarificação é feita através de um mestre, que tem o papel “de eliminar distancia entre seu saber e a ignorância do ignorante” (RANCIÈRE, 2012, p. 13). Apesar dessa lógica ter uma ligação estreita com a pedagogia, ela é altamente enquadrada na condição necessária para a emancipação proposta pela arte, seja ela de qualquer natureza. Um ignorante não é aquele que não sabe, ele é simplesmente alguém que ignora algum saber, cabendo ao mestre, esse que por sua vez sabe como percorrer o caminho da aprendizagem, ensinar o que é até então ignorado pelo ignorante. O progresso por parte do ignorante é alcançado quando o mesmo consegue associar aquilo que ele descobre com o que já tem em mente, ou seja, aquilo que ele já sabe.

(...) o ignorante não é apenas aquele que ainda ignora o que o mestre sabe. É aquele que não sabe o que ignora nem como o saber. O mestre, por sua vez, não é apenas aquele que tem o saber ignorado pelo ignorante. É também aquele que sabe como torná-lo objeto de saber, o momento de fazê-lo e que protocolo seguir para isso. (RANCIÈRE, 2012, p. 13).

A arte é como o mestre, ela mostra, nem sempre de forma explícita, o que deve ser denunciado, reflexionado e assimilado. A arte em suas várias classificações, a primeira, segunda, terceira, quarta, enfim, traz uma gama de questionamentos que leva o ignorante a condição de emancipação quase que autônoma, pois, cada um cria sua forma de saber a partir da interpretação daquilo que vê, sente e relaciona. A arte, assim como o mestre, não ensina simplesmente o seu saber, ou o dar de “mãos beijadas”, mas, antes de tudo, instrui o seu aluno a se aventurar, para então, o mesmo, construir seu próprio conhecimento, no caso da arte, sua interpretação.

O Cinema Tem História: Trajetória e Descompasso

Partindo desse ponto, a sétima arte se apresenta com um perfeito enquadramento para tudo que foi colocado acima. Antes de tudo, é preciso ficar claro na mente de cada um, que o cinema é capaz de aguçar e aprimorar o instinto crítico nos indivíduos. Imaginemos então, que a tela onde é projetado o filme seja uma espécie de mestre, e o espectador, por sua vez, é o ignorante que precisa percorrer o saber ignorado que está diante dos seus olhos. A tarefa a qual visa o cinema é de natureza complexa, já que o



mesmo reúne características das demais áreas artísticas, tornando então, o trabalho da percepção altamente subjetivo.

Antes de explanar sobre a representação que a sétima arte assume nos dias atuais, é preciso traçar uma linha historiográfica mostrando os principais contratempos sofridos pela mesma ao longo dos anos. A fotografia precede o cinema, sem ela e uma “pequena deficiência” da nossa visão, o efeito de ilusão alcançado pela sétima arte não seria possível. O espetáculo promovido pela cinematografia é legitimado, primeiramente, graças aos nossos aparelhos sensitivos, como a visão e a audição. Os olhos humano, segundo Celso Sabadin no seu livro *Vocês ainda não ouviram nada: a barulhenta história do cinema mudo*, são portadores de uma deficiência chamada de “persistência retiniana”, essa “que faz que uma imagem permaneça fixa na retina por algumas frações de segundo, mesmo quando já não estamos mais olhando para ela.” (SABADIN, 2009, p. 23). A visão acaba funcionando como uma espécie de máquina que enquadra sucessivas imagens, dando a impressão de movimento.

Muito se questiona sobre quem de fato inventou o aparato cinematográfico, nomes como o do francês Louis Aimé Augustin Le Prince, os norte-americanos Thomas Alva Edison e George Eastman, lutam para absorver tal prestígio que foi atribuído, principalmente, aos irmãos Lumière, e consolidado pelo ilusionista Georges Méliès. É necessário lembrar ainda, que o final do século XIX foi marcado por grandes avanços científicos, e a máquina cinematográfica seguiu essa linha de ascensão técnica. Segundo Jean-Claude Bernardet em *O que é cinema*:

Em quase todos os países europeus e nos Estados Unidos no fim do século XIX, foram-se acentuando as pesquisas para a produção de imagens em movimentos. É a grande época da burguesia triunfante; ela está transformando a produção, as relações de trabalho, a sociedade, com a Revolução Industrial (...). A burguesia pratica a literatura, o teatro, a música etc., evidentemente, mas essas artes já existiam antes dela. A arte que ela cria é o cinema. (BERNARDET, 2006, p. 14-15).

A burguesia como classe dominante desse período, desperta uma discussão ampla, mas não oportuna para o momento. Finalmente em 22 de março de 1895 é realizada, o que consideramos, a primeira projeção oficial de um filme, na Rue de Rennes, número 44, em Paris, pelos famosos irmãos franceses Lumière (Auguste e Louis), em cartaz *La Sortie des Usines Lumière*, metragem, que como o título já sugere, mostrava a saídas dos operários da fábrica dos Lumière. O espanto que todos esses filmes causaram para época foi estrondoso, relatos afirmam que as pessoas chegaram “a



se levantar de suas cadeiras para fugir do trem que chegava” (SABADIN, 2009, p.43), exemplo verificado na exibição do filme do dia 28 de dezembro com o nome de *L'Arrivée d'un Train em Gare de La Ciotat*, que mostrava uma locomotiva em pleno funcionamento.

Apesar dos espantos e emoções nunca antes experimentadas, o cinema foi algo que deu certo, principalmente no segmento comercial. Visto primeiramente como uma máquina para o entretenimento de mercado, a cinematografia se expandiu criando, inclusive, “representantes de vendas”, que se espalharam pelo mundo a fora. A princípio, essa ideia foi desenvolvida e colocada em prática pelos próprios irmãos Lumière na figura de um dos seus funcionários, Alexander Promio.

Novos sistemas de captação de imagens foram surgindo em diversas partes do mundo, graças ao sucesso da empreitada planejada pelos irmãos franceses. A partir de 1897 novos problemas apareceram, entre eles, a caçada policial norte-americana das máquinas francesas, sob o lema “A América para os americanos”, que acabou criando taxas alfandegárias aos produtos estrangeiros, desvalorizando assim, os equipamentos produzidos pelos Lumières. Bem, essa possível concorrência pela História do Cinema entre norte-americanos e franceses desencadeou batalhas significantes: a frente temos o pioneirismo da França, ao promover a primeira exibição de um filme, logo em seguida, os Estados Unidos ao realizar a primeira projeção paga de um filme na história.

Disputas a parte, o fato é que tudo isso contribuiu para a consolidação do cinema, mas ainda assim lhe faltava o refinamento de uma linguagem própria, que só será desenvolvida com o domínio mais seguro da técnica e o surgimento de ideias universais ou curtas histórias.

O cinema estava inventado como técnica, mas não como linguagem. Ou seja: já era tecnicamente possível registrar imagens em movimentos e exibi-las para o mundo inteiro, mas ainda não havia sido desenvolvida uma linguagem específica para essa nova descoberta. Os primeiros filmes saídos das Indústrias Lumière nada mais eram que fotografias ou cartuns animados. Tinham em torno de um minuto de duração e eram puramente demonstrativos. (SABADIN, 2009, p. 47-48).

Só com Méliès, o cinema passa a experimentar o status de linguagem artística, já que o mesmo leva para as telas curtas histórias e performances teatrais adaptadas para a sétima arte. Essa forma de produção quase que artesanal começa a sofrer com a concorrência dos mais de dez mil locais de exibição de filmes espalhados pelo mundo, o cinema se torna agora uma indústria. A concorrência presente nessas indústrias



cinematográficas vai ficar por conta dos estúdios que nasceram nesse período, a partir de agora Hollywood passa a viver seus anos dourados.

A maioria dos estúdios era de natureza independente, uma espécie de pequenos conglomerados cinematográficos que não conseguiam produzir filmes de maior renome, pois o multiempresário Thomas Edison conseguiu manter por muito tempo sua estratégia de possuir o maior número de registro em seu nome, minando, assim, os seus concorrentes. Após uma decisão judicial, a história do cinema toma outro rumo, possibilitando o surgimento de grandes nomes existentes até hoje no mercado, como a Paramount Pictures, a Warner e a Metro-Goldwyn-Mayer. Sobre tal reviravolta Mark Cousins em *História do cinema: Dos clássicos mudos ao cinema moderno*, coloca que “Em 1917, uma decisão judicial dissolveu a antiga Motion Picture Patents Company, e os velhos adversários de Edison, os independentes, começaram a construir impérios cinematográficos.” (COUSINS, 2013, p. 62).

O futuro do cinema é aquilo que já conhecemos hoje: grandes estúdios, efeitos especiais de saltar os olhos, produção em massa, gêneros para todos os gostos, histórias, muitas vezes, insípidas, enfim, uma infinidade de características que transformou a sétima arte em uma espécie de linha de montagem da Ford, como bem comenta Cousins:

(...) os estúdios tentavam controlar e padronizar cada parte de sua operação, procurando montar filmes de acordo com uma série de modelos experimentados e testados, como a linha de montagem da Ford. Os técnicos tornavam-se especialistas em sua parte do processo e passavam adiante o filme em progresso pela linha de produção. (COUSINS, 2013, p.64).

Excluímos dessa linha os filmes considerados de arte, ou mais conhecidos como Cult, o alvo dessa produção é um grupo mais reflexivo, e o processo de “fabricação” de um longa pertencente a esse segmento é completamente dissociado dessa chamada linha de produção hollywoodiana.

A Importância Do Cinema e Seus Vários Segmentos

Por trás de cada filme existe uma razão para tais escolhas por parte da produção, por isso dizemos que o cinema é um instrumento de vários segmentos, alguns deles são meramente informativos, outros de dominação, políticos, de entretenimento, enfim, uma infinidade de utilizações. Por isso, antes de qualquer coisa, é preciso focar nos



estudos que cooperam para uma melhor compreensão da arte cinematográfica, como o do uso da imagem.

Um dos vestígios mais antigos, assim como um aspecto inerente a vida humana, é o uso das imagens como meio de comunicação. Na Pré-História, por exemplo, elas se manifestaram na forma de pinturas rupestres, e no mundo Antigo através de escrituras em paredes, vasos e utensílios, esses vestígios visuais foram de tamanha importância para acelerar os estudos em determinadas civilizações. A sua história chega a ser mais antiga que a escrita, mas muitas vezes desprezadas pelos estudiosos simplesmente pela hegemonia que o código alfabético exerce.

Uma observação que deve ser pontuada, é que mesmo com a chegada da escrita, esse novo código não substituiu o uso da imagem, ele simplesmente se integrou a expressão visual, comprovando a proximidade e a relação que um estabelece com o outro. Em *O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual* de Paulo Knauss, essa ideia é reforçada ao afirmar que:

Isso equivale a dizer que a história da imagem se confunde com um capítulo da história da escrita e que seu distanciamento pode significar um prejuízo para o entendimento de ambas. Reconhecer isso implica admitir que imagem e escrita sempre conviveram. (KNAUSS, 2006, p. 99).

O registro imagético, assim como a linguagem escrita, é abrangente, sendo capaz de captar emoções intrínsecas a condição humana, inclusive de forma mais clara. O código escrito, durante muito tempo na História, foi sinônimo de poder e restrição social, ou seja, um meio de dominação que o impediu de uma maior expansão. Na verdade isso continua sendo um obstáculo contemporâneo que se contrapõe a expressão visual, na qual, possui como uma de suas principais características, a universalidade de comunicação e aprendizagem, transformando-a em um catalisador de integração social. “A imagem é capaz de atingir todas as camadas sociais ao ultrapassar as diversas fronteiras sociais pelo alcance do sentido humano da visão.” (KNAUSS, 2006, p. 99).

É preciso aceitar a ideia de que das várias formas de organização social existente, uma delas é o jogo de embate de discurso, leituras e interpretações textuais (verbais ou não-verbais), desconsiderar o uso da imagem nesse tipo de construção é um erro perigosíssimo, pois, além de ignorar um apontamento histórico, seria também, não reconhecer outros tipos de análises da experiência social nessa imensidão que forma o Homem. Para encarar o campo dos chamados estudos visuais como uma área de estudo,



muitos obstáculos e preconceitos tiveram que ser vencidos, a escrita e sua hegemonia passou a provar ao longo do tempo que, assim como as imagens, ou qualquer componente da comunicação, ela é passível de manipulação. Só a partir dos anos 90 do século XX vamos ter a institucionalização desse campo, quando nos Estados Unidos é lançado dois programas de pesquisa de nível de pós-graduação, colocando no centro do debate a subjetividade humana ao analisar o mundo a partir de múltiplas representações, o objetivo maior era formar uma reflexão “sobre o papel do visual no mundo atual” (KNAUSS, 2006, p. 104).

A partir do estabelecimento desse novo campo, outras áreas científicas passaram por uma reanálise na sua forma de interpretação e contribuição, pois a proximidade e a simpatia com os estudos visuais passou a exigir uma reformulação em seus parâmetros, como é o caso da história da arte, ao estabelecer um diálogo fundamental com essa nova ciência. Partindo desse princípio, a análise das imagens é um processo ligado ao contexto cultural, emerge então a cultura visual, essa que visa “não tomar a visão como dado natural e questionar a universalidade da experiência visual”, mas, “admitir a especificidade cultural da visualidade para caracterizar transformações históricas da visualidade e contextualizar a visão.” (KNAUSS, 2006, p. 107) Em outras palavras, a cultura visual vai estudar e analisar as determinadas particularidades presentes na visualidade humana, ou seja, a subjetividade e interpretações que são produzidas a partir do olhar e dos valores culturais, para Knauss, sendo guiado pelo teórico Martin Jay, “não podemos mais separar os objetos visuais de seu contexto.” (KNAUSS, 2006, p. 107).

A importância do cinema se pauta exatamente nesse aspecto levantado acima, e a emancipação que ele promove a partir de sua análise é outro ponto de relevância que deve ser acrescentado a seu favor. Talvez resida aí o maior prestígio da sétima arte, as suas várias formas de informar, denunciar, criar novos meios de olhar, enfim, uma gama de aspectos críticos capaz de iluminar as mentes humanas. É preciso alertar ainda, que esse tipo de informação contenha um alto teor de perigo, pois a manipulação desse meio de comunicação depende muito de quem está por trás da sua produção, e para cada olhar, uma resposta, e dentre essas respostas o efeito pode não ser o esperado.

(...) o fato de que os sentidos de toda imagem são múltiplos e que podem ser recriados a cada novo olhar. É preciso conhecer as convenções, considerando que as associações entre símbolos e códigos não são fixas,



o que significa dizer que os sentidos são negociados. (KNAUSS, 2006, p. 115).

Como dito anteriormente, a classe responsável pela criação do cinema foi a burguesa, essa que já fazia uso da literatura, do teatro, da música e outras expressões artísticas, porém, lhes faltavam uma própria, autêntica e inclinada aos seus anseios, cria-se, ou melhor, financia-se, assim, o cinema. Por trás desse nascimento existe uma sutil filosofia política de intuito propagandístico, que coloca a expressão cinematográfica como “uma arte objetiva, neutra, na qual o homem não interfere.” (BERNARDET, 2006, p. 16), junto a isso, a associação de veracidade que ela assume é de total importância para o entendimento do poder que ela pode exercer⁴. Durante muito tempo a imagem cinematográfica foi apresentada como sinônimo de realidade, sem levar em conta os demais fatores de sua produção, como o olhar clínico do homem que faz o filme, ou até mesmo o ponto de vista daquele que assiste e simplesmente não aceita aquilo que assiste, mas como reflexo da realidade. A partir da conscientização do papel que se assume ao ser um espectador, a distância do ignorante para o saber ignorado é diminuída.

O cinema é antes de tudo, um agente formador de opinião, ou seja, uma máquina carregada de sentidos, mas atenção, ela “sempre significa o que a fazem significar.” (BERNARDET, 2006, p. 21). Perigoso mesmo é a sua apropriação por setores da sociedade com intenções danosas, o cuidado quando se ler um filme deve ser de tamanha cautela e rigorosidade, pois, antes de tudo, o cinema é um meio de comunicação de massa que fornece uma ideologia sutil, quase não identificada pelos mais desatentos.

Levar em consideração a profundidade dessa expressão visual é enxergar nela um estado interior que é multifacetado e passível de inúmeros julgamentos. O cinema, assim como o hábito literário, ajuda no entendimento da complexidade pela qual é formado o homem. Os diversos valores, símbolos e traços culturais, tão característicos da individualidade, torna o Homo sapiens uma espécie de difícil compreensão, sendo um fato de grande ajuda para o entendimento de certas atitudes próprias da condição humana, o acompanhamento do enredo, seja ele fílmico ou literário, pois, como afirmou Edgar Morin em *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*:

⁴ A classe dominante, para dominar, não pode nunca apresentar a sua ideologia como sendo a sua ideologia, mas ela deve lutar para que essa ideologia seja sempre entendida como a verdade. (BERNARDET, 2006, p. 20).



No âmbito da leitura ou do espetáculo cinematográfico, a magia do livro ou do filme faz-nos compreender o que não compreendemos na vida comum. Nessa vida comum, percebemos os outros apenas de forma exterior, ao passo que na tela e nas páginas do livro eles nos surgem em todas as suas dimensões, subjetivas e objetivas. (MORIN, 2001, p. 50).

Uma das tarefas dessa expressão artística é pautada na compreensão do incompreendido, ou seja, levar o espectador a lucidez⁵, essa, que por sua vez, não pode ser separada da realidade externa e do mundo subjetivo do eu. A sétima arte chegou até nós como um meio supostamente catalogado para diversão da massa, porém, com ponderação enxergamos a carga de ideias que ela carrega. Essas mesmas ideias são capazes de mover o mundo, expandir universos e romper preconceitos, porque, “Não somos apenas possuidores de ideias, mas somos também possuídos por elas (...)” (MORIN, 2001, p.53). Essa é a pretensão maior no espetáculo cinematográfico, mover conceitos, levar ideologias.

Por isso dizemos que o cinema vai mais além do que o mero entretenimento, ele é antes de tudo, reflexivo, conscientizador e político. Os conceitos que essa expressão carrega podem desestruturar ideias antigas que estavam calcadas em uma base firme ou até mesmo levar a população a participar de horrores como o da II Guerra Mundial. Segundo Marc Ferro em *Cinema e História*:

O filme tem essa capacidade de desestruturar aquilo que diversas gerações de homens de Estado e pensadores conseguiram ordenar num belo equilíbrio. Ele destrói a imagem do duplo que cada instituição, cada indivíduo conseguiu construir diante da sociedade. (FERRO, 2010, p.31).

Usando como exemplo o estilo cinematográfico político de propaganda que surgiu no governo de Adolf Hitler entre os anos de 1930 e até um pouco mais da metade dos anos de 1940, somos capazes de perceber a tamanha influência que esse meio de comunicação pode exercer. O Fürher, como ficou conhecido o chefe de Estado alemão do III Reich, conseguiu perceber que a sedução é a alma da propaganda⁶, seja ela política ou não, junto a isso irá surgir toda uma base para o desenvolvimento e produção filmica desse período, o Ministério da Propaganda, na figura de Joseph Goebbels. Os

⁵ Segundo Morin, a aptidão crítica e a autocrítica, são fermentos insubstituíveis da lucidez.

⁶ Em *O poder das imagens: cinema e política nos governos de Adolf Hitler e de Franklin D. Roosevelt (1933-195)*, o autor, Wagner Pinheiro Pereira, coloca a sedução como marca essencial da propaganda ao afirmar da seguinte maneira: “A referência básica da propaganda é a sedução, elemento de ordem emocional de grande eficácia na conquista de adesões políticas. Em qualquer governo, a propaganda é estratégia para o exercício do poder, mas adquire uma força muito maior naqueles em que o Estado, graças ao monopólio dos meios de comunicação, exerce controle rigoroso sobre o conteúdo das mensagens, procurando bloquear toda atividade espontânea ou contrária à ideologia oficial.” (PEREIRA, 2012, p. 17-18).



impactos gerados pelos filmes desse governo são do conhecimento de todos, a persuasão das imagens levaram milhões de jovens ao serviço nazista, assim como também levou grande parte da população a acreditar e apoiar o ideal antissemita tão pregado por Hitler.

A tomada da conscientização do cinema como arma para a manipulação social foi percebida e colocada em prática primeiramente pelos nazistas alemães, que acabaram servindo de exemplo, ainda naqueles mesmos anos, para outras nações como os Estados Unidos e o Japão, que passaram a produzir filmes de cunho político e propagandístico. O que é mais interessante nesse segmento político assumido pelo cinema é que as formas de produção foram constantes perante todas as nações, ou seja, o modelo era o mesmo, não se tinha uma ideologia para cada país, cada um procurava atacar a partir da difamação da imagem do outro, por exemplo, os russos eram sempre associados a bêbados, assim como os norte-americanos a pessoas egoístas.

(...) desde que os dirigentes de uma sociedade compreenderam a função que o cinema poderia desempenhar, tentaram apropriar-se dele e pô-lo a seu serviço: em relação a isso, as diferenças se situam no nível da tomada da consciência, e não no das ideologias, pois tanto no Ocidente como no Oriente os dirigentes tiveram a mesma atitude. (FERRO, 2010, p. 16).

O perigo que esse tipo de segmento cinematográfico oferece pode ser altíssimo, fato esse que pôde ser provado pelo cinema nazista e o impacto que o mesmo causou na Segunda Guerra Mundial. Visualizar a sétima arte como um material de influência social é um dos desafios da contemporaneidade, que graças ao aumento no número de estudos vem mudando esse quadro.

Considerações Finais

A conclusão que podemos chegar é clara e simples: o cinema é uma arte capaz de emancipar e aprisionar. Emancipar porque ele é capaz de tornar os indivíduos mais críticos e faz isso quase que autodidaticamente, não é preciso ser um grande estudioso para obter interpretações acerca de uma obra filmica. É preciso ser apenas um individuo social, ou seja, viver em sociedade e experimentar da condição humana. Sim, o cinema liberta, ele promove viagens inimagináveis e estimula o senso crítico.

Porém, a sétima arte é também capaz de aprisionar, manipular. Talvez esse seja o segmento mais pesado pelo qual lhe foi atribuído, pois, para grandes poderes, maiores serão as responsabilidades. Uma escolha mal sucedida pode trazer prejuízos



incalculáveis, da mesma forma, enquadramos um filme que se baseia em uma ideologia rala e cruel, as imperfeições que essa escolha pode trazer são irreparáveis para a História e formação do ser social, a exemplo disso tivemos o cinema nazista.

A história do cinema é algo de grandioso destaque ao longo de seu estudo, mas o seu sucesso só pôde ser concretizado quando a linguagem própria a essa expressão visual foi produzida, fato esse que acabou contribuindo para a sua efetivação e disseminação. A linguagem cinematográfica é de cunho universal, tornando possível a sua leitura do norte ao sul, assim como do leste ao oeste do mundo. Com o início dos seus avanços tecnológicos e estilísticos, o cinema se tornou em pleno século XXI um dos meios mais acessíveis e relativamente barato, na qual, quase todas as classes econômicas podem desfrutar do seu espetáculo. Faz-se necessário afirmar, que a partir dessa disseminação a formação crítico-social é estimulada, pois o cinema surge como um novo canal com abordagens diferenciadas, mas sempre lembrando que é fundamental repensar a responsabilidade que essa arte carrega.

Referências

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

COUSINS, Mark. **História do cinema: Dos clássicos mudos aos cinema moderno**. 1ª Edição, São Paulo: Martins Fontes, 2013.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

KNAUSS, Paulo. **O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual**. In: ArtCultura, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan-jun, 2006.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 4ª Edição, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

PEREIRA, Wagner Pinheiro. **O poder das imagens: cinema e política nos governos de Adolf Hitler e de Franklin Roosevelt (1933-1945)**. São Paulo: Alameda, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. 1ª Edição, São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

SABADIN, Celso. **Vocês ainda não ouviram nada: a barulhenta história do cinema mudo**. 3ª Edição, São Paulo: Summus, 2009.